

É com muita satisfação que a **Revista M.** chega ao seu quinto número, trazendo aos leitores e às leitoras o Dossiê Temático *“Morte, regimes políticos e violência”*, organizado pela professora da área de História Sandra Gayol, da Universidad Nacional de General Sarmiento-UNGS, e pelo professor da área de Sociologia Gabriel Kessler, da Universidad Nacional de La Plata.

Com relevância indiscutível e atualidade pertinente, o tema da violência e das mortes de seres humanos, que se desdobram de políticas de Estado, posiciona nosso periódico em sintonia com os debates mais candentes e necessários nesses tempos sombrios e de regimes de exceção. Episódios de violências agudas associadas a governos ditos modernos e democráticos que criam refugiados, expatriados, prisioneiros de campos de concentração e homicídios institucionalizados têm marcado, infelizmente, o mundo contemporâneo. Nosso Dossiê expressa esta vivência da finitude humana, por meio de artigos que oferecem uma reflexão sobre uma face da morte que pode ser aterradora.

Entre os artigos do **Dossiê** há autores e autoras de diferentes áreas de pesquisa, que colocam em foco formas diversas de representação da morte nos países latino-americanos. Dos artigos que compõem o Dossiê, o primeiro é de três pesquisadores ligados à Universidade Centro-americana José Simeón Cañas (UCA), de El Salvador, Amparo Marroquín Parducci, do Departamento de Comunicação e Cultura, Willian Carballo, mestre em Comunicação, e Marlon Anzora, investigador independente e mestre em Comunicação, que dividem a autoria de *En el país de todas las muertes. El Salvador, políticas de seguridad y representaciones de los asesinatos*.

O segundo artigo, *Del punitivismo carcelario a la matanza sistemática: El avance de los operativos militarizados en la era post-Chávez*, é assinado por Verônica Zubillaga, socióloga e professora do Departamento de Ciências e Tecnologias

do Comportamento da Universidade Simon Bolívar, Venezuela, e por Rebecca Hanson, do Departamento de Sociologia e Criminologia da Universidade da Flórida.

O Dossiê conta, ainda, com mais quatro artigos. Maria Victoria Pita, investigadora do Conselho Nacional de Investigações Científicas e Técnicas (CONICET) e professora de Antropologia Social da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires, é autora de *La historia de un mural o acerca de la muerte, de los muertos y de lo que se hace con ellos. Muertes violentas de jóvenes de barrios populares en la Ciudad de Buenos Aires*; Flavia Medeiros dos Santos, com experiência na área de Antropologia do Direito e que atua no Núcleo Fluminense de Estudos e Pesquisa (NUFEP/PPGA), da Universidade Federal Fluminense, assina o texto *O morto no lugar dos mortos: classificações, sistemas de controle e necropolítica no Rio de Janeiro*; Maria Victoria Uribe, da Universidad de Rosario, atua na área da Antropologia da Violência e do Conflito e é autora de *Los fantasmas no inquietan nunca a las cosas muertas: Entre el Terror y el desaliento en Colombia*, e Claudio W. Lomnitz, professor e antropólogo, da Universidade de Columbia, em Nova York, nos presenteia com *La Santa Muerte: estigma e intercambio*.

A reunião desses seis artigos, originados de diferentes nacionalidades e que lançam luz sobre variadas territorialidades, produziu um conjunto de escritas representativas da internacionalização dos estudos tanatológicos, que indica como a relação entre morte, política e violência – que, em alguns casos, vem sendo analisada por intermédio do conceito de “necropolítica” – na América Latina de nossos dias vem sendo pensada por pesquisadores de distintas áreas de conhecimento. Uma instigante e significativa análise deste quadro é empreendida por Sandra Gayol e Gabriel Kessler, renomados especialistas nessas questões, no texto de Apresentação do dossiê.

Na seção **Artigos Livres**, a presente edição publica três artigos com temas igualmente expressivos do leque possível de abordagens sobre a morte, o morrer e os mortos. Em *A morte, os mortos, o julgamento e a salvação no Egito Antigo*, Tito Barros Leal, professor de História na Universidade Estadual Vale do Acaraú, Ceará, e Francisco Wellington Rodrigues Lima, doutorando em Letras na Universidade Federal do Ceará, enfocam o Livro dos Mortos e a importância que ele assumia na cultura fúnebre no Antigo Egito. Para os autores, o conteúdo do livro, que recebeu tradução e organização do egiptólogo alemão Karl Richard Lepsius, em 1945, revela o quanto pensar na morte estava ligado a aspectos mais banais da vida cotidiana da população egípcia, como o “sono, ideias ligadas ao silêncio, ao sofrimento, às doenças”, mas também a acontecimentos marcantes e extraordinários, tais como a guerra e os processos de mumificação, técnica cuja importância fundamental era destinada a servir à preservação do corpo, prolongando sua existência no tempo. As passagens do Livro servem como instrumentos de observação das imagens da morte na sociedade egípcia, universo marcado pela crença de existência de uma proximidade muito estreita entre o plano terreno e o Além.

Em *Prácticas mortuorias prehispánicas en Quebrada de Humahuaca (Jujuy, Argentina)*, a arqueóloga da Universidade de Buenos Aires, Veronica Seldes, preocupa-se com as comunidades pré-hispânicas que habitavam a Quebrada de Humahuaca, na Argentina. Sua proposta de análise parte do campo da bioarqueologia, com uma revisão crítica das

metodologias da Arqueologia do início do século XX, que seguiam modelos “teóricos essencialistas” e evolucionistas de exploração, classificação e interpretação dos materiais encontrados em escavações - cerâmica, lítico, restos ósseos. Para Seldes, a partir dos anos 1990 surgiram novas formas de abordagens arqueológicas que passaram a levar em conta os contextos funerários, mas que ainda desconsideravam a heterogeneidade e complexidade dos processos sociais, culturais, políticos e econômicos dos povoados, deixando de abordar “questões vinculadas às crenças acerca da morte, das enfermidades, da vida após a morte e o cosmos, entre outros”. Considerando que, de todos os rituais que marcam as sociedades humanas, os funerários são os que se constituem de momentos mais críticos, a autora busca traçar a importância das metodologias que se voltam para a complexidade das identidades e lógicas internas das práticas sociais.

Erasmio González González, Professor de História da Universidade Nacional de Assunção, em seu texto *Funerales de ex mandatarios fallecidos durante la dictadura. El caso del régimen de Alfredo Stroessner en el Paraguay*, traz aos leitores e às leitoras os emaranhados da política paraguaia nos momentos marcados pela ditadura de Stroessner, entre 1954 e 1989. González enfoca os “funerais de Estado” realizados ao longo do regime e como se converteram em espaços de poder e campos de disputa pela memória e identidade da nação. Para o autor, essas cerimônias fúnebres são ferramentas políticas úteis para governantes que pretendem legitimar suas ações inspiradas em personagens que, por comungar dos mesmos pensamentos e interesses do governo, mereceram o reconhecimento da cidadania. González demonstra como a relevância atribuída a tais funerais era proporcional à afinidade política ou não do falecido com o regime ditatorial; de modo que o valor simbólico da cerimônia dependia dos interesses do governo de Stroessner e de seu partido, na valorização e engrandecimento de seus aliados ou, ao contrário, da contribuição para o esquecimento de seus opositores políticos.

Nossa seção **Em Campo** deste número apresenta dois relatos de experiência. Em *Impressões sobre Paris e Auschwitz em tempos de terror: fragmentos de um diário de campo*, Anelise Lusser Teixeira, docente no curso de Psicologia na Universidade Estácio de Sá do Rio de Janeiro, nos remete a duas experiências marcantes que vivenciou, e que interpreta a partir do conceito de “corpo vibrátil”, de Suely Rolnik: a primeira, referente aos ataques terroristas de novembro de 2015 em Paris, durante o período em que Anelise morou na França; e a segunda, associada à sua visita ao campo de concentração de Auschwitz, em janeiro de 2016. A proximidade com a morte violenta do outro promovida pela intolerância conduz os percursos de Teixeira a se transformarem em verdadeiros mapas do tempo, cartografias que nos situam diante dos horrores das guerras e da cultura do medo.

Rebeca Lopes Cabral, mestrandia da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP) relata em *Caminhando por sítios de memória da ditadura argentina: o ex Casino de Oficiales e o Ex Club Atlético* como foi sua pesquisa de campo, realizada em Buenos Aires em 2017, nos locais em que funcionaram centros de detenção e tortura de presos políticos, durante a ditadura daquele país. A pesquisa da autora nos leva a conhecer como cada um destes sítios de memória se tornaram “cenários da barbárie no passado e hoje”, configurando uma narrativa complexa na metrópole argentina.

A **Resenha** deste quinto número é de autoria de Beatriz Eugênio Maia, mestre em História pela Universidade Federal de Uberlândia/MG. Em *A morte anunciada nas mídias: estranhamentos, familiaridade e cotidiano*, Maia resenha o e-book "*Figurações da morte nos mídia e na cultura: entre o estranho e o familiar*", uma produção conjunta entre a Universidade do Minho e a Universidade Federal de Minas Gerais, organizada por M. L. Martins; M. L. Correia; P. Bernardo Vaz e Elton Antunes. Os artigos reunidos na obra apresentam as maneiras pelas quais as mídias jornalística, impressa, televisiva e virtual publicizam a questão da morte nos dias atuais.

Que este número, como os demais da **Revista M.**, seja, para você, leitor e leitora, uma porta aberta e de acesso a pesquisas consistentes, elaboradas por um corpo de investigadores que contribuem cada vez mais para situar os estudos sobre a morte e seus desdobramentos, como temas necessários para uma compreensão dos arranjos culturais e políticos das sociedades contemporâneas. Fazemos votos de boa leitura!

Claudia Rodrigues (*Editora-chefe*)
Mara Regina do Nascimento (*Editora-adjunta*)

